

ESTÁCIO DE LIMA VOLTA SECA

e o Estranho Mundo
dos Cangaceiros

https://issuu.com/e-book.br/docs/volta_seca

e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



O professor Estácio de Lima, ao assumir a cátedra de Nina Rodrigues, na velha Faculdade de Medicina da Bahia, desenvolve um importante trabalho de estudo do caráter dos cangaceiros aprisionados, juntando a isso a defesa mais acirrada do seu processo de integração à sociedade.

Os livros eletrônicos da coleção **E-Pocket**, conforme o título já indica, têm como característica o tamanho reduzido, similar às pequenas coleções de bolso. No caso presente, o formato denominado *e-pocket* foi desenvolvido para ser lido, com toda comodidade visual, em celulares e outros equipamentos de tamanho diminuto.

Estácio de Lima

VOLTA SECA

e o Estranho Mundo
dos Cangaceiros

Organização, introdução e notas:
Cid Seixas

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Coleção
e-pocket

CONSELHO EDITORIAL:
Cid Seixas (UFBA | UEFS)
Délio Pinheiro (UFBA)
Ester M^a de Figueiredo Souza (UESB)
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)
Gildecil de Oliveira Leite (UNEB)

Capa sobre pintura de
Juraci Dórea

Tipologia: Original Garamond 14
Formato: 100 x 170 mm
64 páginas | Março de 2020

SUMÁRIO

Da antropologia
à ficção sertaneja
página 7

Lídia, mulher valente
página 19

Volta Seca
página 23

Lampião repousava no ponto das Caatingas de Mirandela, quando um de seus cabras lhe anunciou que um menino chegara das bandas do Saco Torto de Sergipe, insistindo para ver o Chefe.

Estácio de Lima

DA ANTROPOLOGIA À FICÇÃO SERTANEJA

Cid Seixas

Há mais de meio século, precisamente no ano de 1965, o tana-
tologista, catedrático das faculda-
des de Medicina e Direito da Uni-
versidade da Bahia, presidente do
Conselho Penitenciário do Estado
por algumas décadas, professor
Estácio de Lima, publicou um li-
vro que pode e deve ser chamado
de memorável: *O Mundo Estranho
dos Cangaceiros (Ensaio biosocio-
lógico)*.

Naquela época, a repercussão da obra de Euclides da Cunha, em meio não apenas aos eruditos, mas a todas as pessoas escolarizadas, era notável na Bahia e no Nordeste, se estendendo a outras regiões do país. Desse modo, não é de estranhar que, nas mais prestigiadas faculdades da Bahia, onde Nina Rodrigues iniciou sua trajetória e deixou seguidores, os estudos antropológicos ocupassem lugar de destaque, focando os limites da criminalidade na árida vida sertaneja. Convém observar que essa vertente teórica estava inteiramente contaminada pelos princípios lombrosianos, tidos como cristalina expressão da verdade científica de última moda.

*O mundo estranho dos canga-
ceiros*, de Estácio de Lima, maior

obra de vulto publicada pelo autor, permaneceu um tanto velada, ou mesmo esquecida, até que, no final do século vinte, um ex-repórter – conhecedor do extraordinário esforço do velho professor de Medicina Legal em defesa da reintegração dos remanescentes do cangaço à vida em sociedade – chamou atenção da intelectualidade baiana para o valor documental e textual dessa obra singular.

O antigo repórter, responsável pelo renascimento de interesse pelo livro, era o escritor e acadêmico Guido Guerra, que recolocou sob a atenção dos seus pares da Academia de Letras da Bahia e de outros espaços culturais a importância do alentado livro sobre o tema do cangaço. Foi em decorrência desse empenho que em 2006, ano

do centenário de Nina Rodrigues, o professor Délio Pinheiro, ex-diretor do Instituto de Geociências da UFBA, na qualidade de Assessor de Cultura da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, conhecendo o entusiasmo de Guido Guerra pelo livro, resolveu publicar uma nova tiragem, pela Coleção Ponte da Memória, da Assembleia Legislativa.

Coube a mim, por escolha de Guido e Délio, preparar a segunda edição do livro, bem como cuidar da sua concepção gráfica. Conhecendo a vivência telúrica do pintor Juraci Dórea e suas fantásticas apreensões do universo sertanejo, pedi-lhe para imaginar novas ilustrações para a obra, vez que a edição *princeps* trazia uma pintura de capa feita por Caribé. Juraci, em

pouco tempo, preparou dois quadros com motivos temáticos. Nasciam, assim, a capa, a contra-capas e as orelhas da nova edição.

Nesse trabalho de reedição estiveram também envolvidos dois médicos legistas e antigos assistentes do doutor Estácio de Lima, a professora Maria Teresa Pacheco e o professor Lamartine de Andrade Lima, escolhidos para escrever o Prefácio e o Posfácio da referida edição. Ambos conviveram durante longo tempo com os antigos integrantes do bando de Lampião que, sob a tutela do mestre Estácio de Lima, trabalharam em órgãos públicos estaduais e federais, em notável processo de reinserção social dos prisioneiros.

Devemos à Dra. Teresa Pacheco importantes informações tanto

sobre a obra de Estácio de Lima quanto sobre a sua convivência com os cabras de Lampião recolhidos à Penitenciária do Estado. Em longas conversas, durante idas à sua residência, pude compreender parte do que o autor chamou de “o mundo estranho dos cangaceiros”.

Convém destacar que, antes de conceber a sua obra essencial, Estácio de Lima realizou algo mais notável ainda: a análise criteriosa e a descrição da personalidade dos temidos cangaceiros. Dia após dia, como membro e depois presidente do Conselho Penitenciário, o médico e dentista, por formação acadêmica, e, posteriormente, criminologista, não por ter “ralado” os bancos de uma faculdade de Direito, mas por ousadia intelec-

tual e precisa intuição de estudioso pioneiro.

Advogados e juízes que se encarregaram dos processos dos temidos bandoleiros, como mostram os documentos da época, demonstraram o mais gritante despreparo para fazer justiça, deixando-se contaminar pelos clamores da opinião pública, exaltada e fundada no ódio generalizado.

Estácio de Lima atuou no caso, simultaneamente, como médico, tanatologista, antropólogo e jurista. Espantosamente, conseguiu reverter quase todas as condenações a centenas de anos de prisão, proferidas contra os “cruéis guerreiros” das caatingas. Enquanto a opinião pública, a imprensa e os juristas viam o problema pelo ângulo cego da vingança exemplar da so-

cidade, contra aqueles que ousaram desafiá-la, a sensibilidade do doutor Estácio descortinava outros patamares. Foi o que lhe permitiu assegurar a reintegração total dos antigos cangaceiros à vida em sociedade.

Cumprido esse papel, por decisão de Deus ou do diabo – como poderiam supor os perseguidores dos cangaceiros – um cangaceirinho menino não teve a mesma sorte dos demais: Volta Seca. Aceito pelo bando, depois de muita relutância do chefe, aos dez anos de idade, recaiu sobre o menino Antonio dos Santos toda a punição reservada ao cangaceirismo. Capturado ainda criança e trazido para a penitenciária de Salvador, Volta Seca ficou vinte anos preso, até que a defesa tenazmente materializada

por Estácio de Lima levou o então presidente da república, Marechal Dutra, a conceder o indulto da pena. Isso depois do conceituado estudioso assumir responsabilidade total sobre os possíveis atos do antigo bandoleiro menino.

Para compor este pequeno e-book da Coleção E-Poket foi selecionado o sintético relato do autor de *O mundo estranho dos cangaçeiros* sobre a entrada de Volta Seca no bando de Lampião até a sua total aceitação pela sociedade da época, ainda traumatizada pelos trágicos acontecimentos.

Como os meninos e as mulheres foram figuras não muito comuns nas lides guerreiras do cangaço, este pequeno livro que o leitor tem em mãos é aberto por uma contundente narrativa sobre a passagem da desafortunada Lídia pe-

las cruentas aventuras das caatingas. Nesta página de descrição bio social que é também um conto breve e bem contado, o autor expõe o lugar de total aniquilamento da mulher no mundo sertanejo.

Seu poder de fabulação do texto, simultaneamente épico e dramático, demonstra o absoluto domínio de construção da escrita. Pode-se dizer que o médico Estácio de Lima não foi apenas um tanatologista, estudioso pioneiro dos fenômenos eclodidos no sertão. Assim como o engenheiro Euclides da Cunha, Estácio de Lima resvalou brilhantemente do estudo sócio biológico para o universo da mais pungente *arte da escrita*, fazendo nascer um narrador seguro do seu ofício.

* * *

O pequeno trecho do livro que se lê como pórtico do e-book, sendo, principalmente, uma acurada análise biossocial do mundo dos cangaceiros, é também um *miniconto* de forte tensão narrativa, que evidencia a vocação do escritor.

Por fim, lemos o trecho extraído do capítulo sobre a presença das crianças guerreiras no cangaço, dedicado a Volta Seca, que dá título a esta publicação eletrônica.



Capa da primeira edição, de 1965,
com pintura de Caribé

LÍDIA, MULHER VALENTE

Mas o Zé Baiano era temível e ninguém acreditava que a moça visse a falsear. Muito escondidamente, porém, ela, com todas aquelas provocações, namorou o Bem-te-viu. Na maioria, os cangaceiros não diziam Bem-te-vi. Houve mais de um, com semelhante alcunha. Este Bem-te-viu era claro, cabelo fino. Um tanto meloso e derretido. Não pegava, entretanto, qualquer parada, e de qualquer jeito. Não, senhor!

Assim mesmo, foi ousado demais!

Besouro, outro cangaceiro ordinário, ruim (havia de tudo nos bandos – gente boa e gente péssima), Besouro vivia nos calcanhares de Lídia. Orelha afiada, ou porque andasse espionando, ouviu ele o mato estalar a certa distância e também “um ronco de onça comendo bezerro”, no dizer de Labareda.

Aproximou-se devagarinho, com a precaução dos felinos. Espiou, e reconheceu a moça “agarrada” ao Bem-te-viu. Acercou-se, candidatando-se... Também queria... Tornou a pedir... Ela recusa, com energia. Ele ameaça contar a Zé Baiano. Este andava por fora. Bem-te-viu, uma lesma, escapuliu. Quando Zé Baiano chegou, Besou-

ro, atrevidamente, disse-lhe tudo, e na vista de todos. Lampião presente. Lídia não era medrosa. Sustentou o que havia acontecido, que se entregara, de fato, ao Bem-te-viu, porém, contou, Tim-tim, por Tim-tim, o episódio da chantagem. Besouro estava assim falando, porque ela não quis a ele oferecer-se.

– E se tenho de morrer que morra logo. Mas esse cabra safado não me come!

O Capitão Virgulino sentiu a verdade de tudo. Rapidamente, pulou como um acrobata profissional, e abriu de foice, em duas metades, a cabeça do delator. As coisas se passaram num momento, e com aprovação geral Besouro arriou, pronto, ali, sem remissão.

Zé Baiano, por sua vez, decretou o fim de Lídia sem que Lam-

pião esboçasse o mínimo gesto de defesa. A moça, afirmou o Chefe, era propriedade do preto, que tinha todos os direitos sobre ela.

VOLTA SECA

Lampião repousava no ponto das Caatingas de Mirandela, quando um de seus cabras lhe anunciou que um menino chegara das bandas do Saco Torto de Sergipe, insistindo para ver o Chefe.

Com a má vontade natural de quem não é de muitas conversas, particularmente com a meninada, o Capitão Virgulino custou bastante a condescender na entrevista. Afinal...

Trazia o garoto uma franguinha debaixo do braço.

Os cangaceiros gargalhavam às custas do pequeno. Chamaram-no, logo, Antônio da Pinta. A Pinta era o presente que trazia, talvez pra comprar, ou comover, o maioral.

O futuro veio a demonstrar que não havia razão para chalaças. O menino passaria, um dia, aos anais da delinqüência sertaneja, com o maior destaque.

Lampião, dentro da sua linha doutrinária, repeliu o engajamento do menor, nas hostes bandoleiras. Também o achava demasiado conversador.

– Mas porém si o Sinhô acha qui nun sirvo prouta coisa, deixe eu ficá pra lavá os animá, fazê mandado, limpá o chão... Já sirvi de quêmadêro, fiz trabaio de roça, sei amontá in osso, e dou recado sem errá...

Dez anos – era a idade do futuro Volta Seca – dez anos, nas catatingas, às vezes valem mais que dezesseis nas praias. Dificuldades e sofrimentos são grandes mestres da vida. Soltam, até, a língua precocemente, ou a fazem emudecer quando preciso, e geram destemores incríveis..

Cabeça baixa, entre desconfiado e altivo, o garoto magricela arriou a franguinha que mantivera na axila, e pôs a descoberto a sua tenacidade.

– Mas o Sinhô nun vai mi batê, pruquê eu quero ficá! Tamém vai vê, nun vai se arrependê...

O Chefe não era o desabusado que sempre recuasse conselhos, ou ponderações dos companheiros graduados.

– Cumpade, ispirimente o menino...

Experimentou, e “deu certo”...

Não gostou, porém, da alcunha ridícula de Antonho ou Tonho da Pinta, para o garoto que passou à condição de sua ordenança... E apresentava o novo “cangaceiro” de vocação, Antônio dos Santos, como o seu Comandante.

– Ispia ali, Coroné Volta Seca limpano os fuzí...

Nem Volta Seca sabe, de certeza, as razões desse vulgo. Provavelmente, os cambitos escuros, realçados pelas calças curtas; e os braços, dois gravetos confundindo-se com os garranchos recurvos das caatingas, talvez dessem, ao Capitão, a idéia... De longe, uma coisa só: mato sem verde, pernas e braços de moleque, tudo intrin-

cado e enrolado, verdadeiro cipoal seco, volta sobre volta, volta seca...

De todos os jagunços processados, foi ele o que padeceu mais tempo de prisão, e sem razões médico-psicológicas, jurídicas, ou sociais. Formalidades em demasia. Excessos. Temores desarrazoados. Revides incompreensíveis, tantos anos depois, de uma sociedade madrasta, que não soubera assistir e educar.

Ao Conselho Penitenciário da Bahia, levamos o Parecer que vai, parcialmente, transcrito adiante, buscando retirar do Cárcere aquele que não era mais adolescente, pois amadurecera sob as grades. Relativamente à idade do rapaz, e confirmando a adolescência, havíamos praticado, logo que ele preso, a perícia radiológica, publicada

nos Arquivos do Instituto Nina Rodrigues, onde a encontrarão minuciosa, os interessados.

A prisão, a nosso ver, deve ser mantida enquanto atenda aos interesses da coletividade, na sua defesa, na recuperação do delinqüente e, até mesmo, na própria satisfação ao meio. Fora daí, traduzirá vingança despropositada.

O pequenino Antônio da Pinta foi uma criança perdida no turbilhão da vida sertaneja. Não aprendera outra cousa, senão admirar o cangaço, pois as tentativas profissionais de queimadeiro ou lavrador não lhe enchiam o coração. Não era, porém, inadaptável. Os fatos mais tarde o comprovaram. Vejamos a análise que fizemos, diante do Conselho Penitenciário.

“Volta Seca é um nome célebre no Brasil inteiro. Tristíssima celebridade. Poucos delinqüentes, no mundo, terão tido publicidade tão grande. Até a imprensa estrangeira, americana ou européia, andou estampando-lhe o retrato, em grandes manchetes de escândalo. Aos quandos, como os surtos de uma enfermidade cíclica, ressurgem as novelescas publicações. Hoje, o próprio chefe do bando sinistro, Lampião, vai perdendo, com a morte que nivela e perdoa, e com o tempo que passa e muito faz esquecer, aquela importância ruidosa de alguns lustros pretéritos.

Mas o pobre Volta Seca está na berlinda. A reportagem sensacionalista, periodicamente, retoma a ofensiva, e ao público, sempre cu-

rioso e, às vezes, inconseqüente, é servido o repasto de sua vida sem beleza, cheia de agonias e de misérias. Não raro, no que se imprime, a realidade sofre deformações nefastas. Além disso, o cangaceiro adolescente, sob a disciplina brutal de Lampião, adquirira, como os outros, certo grau de taciturnidade.

Apresentara-se, ainda menino, ao grupo, um bocado palrador. Com o tempo, habituou-se às palavras comedidas.

Chegou à Penitenciária da Bahia, interiorizado, falando pouco, evasivo. Às vezes, acontece isso. A transmutação do esquizotimia na extroversão. É raro, mas acontece. Por motivos de explicação difícil, aquela alma solitária e sinistra foi ganhando, ou recupe-

rando, seus velhos atributos de conversador, sem adquirir, todavia, as linhas somáticas do gorducho (pícnico). São exceções, que o próprio Kretschmer registrara.

Volta Seca passou a meio falastro. E a reportagem ávida das novidades e das sensações invadiu a Penitenciária da Bahia, no velho Engenho da Conceição, para as entrevistas repetidas.

Ora lhe arrancavam inconvenientes confissões, ora lhe obtinham fantasias, ou verdades pelo meio.

– Que importava não fosse muito real a narrativa, e que a sua divulgação escandalosa custasse a Volta Seca mais alguns anos de prisão?

O que interessa é emocionar ao leitor...

O jornalismo, infelizmente, não promana, sempre, de um filão de ouro puro. No seu tempo, já o mestre de *A Comédia Humana* cuidara do assunto. A imprensa presta à sociedade serviços inestimáveis. Mas, aqui ou ali, têm ocorrido cousas lastimáveis. Diga-se, então, mais uma vez: não são da arte, os erros do artista.

O fato é que o 1119, número de ordem que apuseram ao peito do adolescente, continua, ainda, no cartaz e, para muita gente é, ainda, perigoso, indomável, bárbaro, incorrigível, na perspectiva de retornar ao crime das caatingas.

No entanto, o cangaceirismo não foi, e todos o sabemos, uma criminalidade resultante de anomalias físicas, desordens orgânicas, alterações glandulares. Também

não consta que os bandidos recrutassem doentes mentais, ou personalidades psicopáticas perversas, para as famigeradas arrancadas. O fenômeno era, e ainda, é, tipicamente social. Há o fundamento econômico iniludível, e toda uma série de motivações outras, que não vem a propósito aqui minuciosamente.”

* * *

Em seguida, no Parecer, estudávamos a personalidade do nordestino, pondo em confronto as palavras de Euclides da Cunha, nos seus retratos perfeitos, com as figuras atuais dos delinquentes do sertão. Os mesmos traços marcantes. As condições de vida também imutáveis. Aludíamos, ainda, aos cangaceiros presos que se

transformaram, depois de 5 anos, em corretos sentenciados. Comutações de pena obtiveram, por nosso intermédio, e, a seguir, o livramento condicional, visto como não ofereciam mais perigo à coletividade. As armaduras sociais funcionaram bem, relativamente aos adultos. Quando, porém, tentamos obter a sua marcha, para o pobre Antônio dos Santos, a aparelhagem emperrou.

Tornemos ao Parecer.

“Enquanto isto, Volta Seca permanece, há quase vinte anos, enclausurado. É o único antigo cangaceiro, remanescente do grupo de Lampião, que perdura, dolorosamente, dentro das grades de ferro, como se fora, realmente, feroz e tenebroso.

Não o é. Todos os órgãos da Penitenciária – Diretoria, Secção Penal, Instituto de Criminologia e de Psiquiatria são concordes: o Antônio dos Santos está, perfeitamente, readaptado.

E a esse pensar uníssono, junto o meu depoimento, com as responsabilidades de professor catedrático de Medicina Legal, de Diretor do renomado Instituto Nina Rodrigues e de Presidente deste egrégio Conselho: as arestas do seu caráter e do seu temperamento estão esbatidas. É um homem nas condições de retornar ao convívio social, sem oferecer perigo.

Ademais, deveria a sociedade envergonhar-se do seu comportamento falho ou grotesco, em relação a esse triste presidiário.

Primeiro, porque não o assistiu quando criança. Como qualquer outro de sua terra e de sua idade, brincava, na puerícia descuidada e trêfega, de bandido e de polícia. Ninguém queria ser polícia. O bandido era valente, impulsivo, generoso às vezes, constantemente em perigo e cercado, sempre, do mistério. Ainda hoje, o Cinema de aventuras e as Revistas do gênero Gibi consagram heróis que a gente não sabe se merecem o altar, ou o cubículo de grades. E a meninada sorri, aprecia, tem inveja. De qualquer forma, cavalgadas ousadas, incêndios, tiroteios, beijos ardentes e, no final, para o jovem impúbere, que leu a Revista ou assistiu ao Cinema, uma noite nem sempre tranquila...

Foi, justamente, com a alma arrebatada pelas lendas relativas às bravatas dos cangaceiros, que o menino de 10 anos, desassistido familiar e socialmente, entrou, pela vez primeira, em contato com ao grupo de Lampião. Queria incorporar-se. Recusado a princípio, insistiu, afirmando que não daria trabalho a ninguém, e tomaria conta dos animais, pelas caatingas em fora... E partiu, sem forças, ainda para empunhar o fuzil. Somente mais tarde, entre os 13 e os 14 anos, é que, armado cavalheiro, recebeu o mosquetão municiado, para as refregas por que ansiava. O punhal, já o trazia, antes, na cinta.

Teve, logo, o seu batismo de fogo. O pré-adolescente mirrado, chocho, atirava como quem brin-

ca de picula, aos saltos, gritando, sorrindo. Não sabia, porém, distinguir, com nitidez, o bem do mal. E ainda lhe faltava continuidade de ação, às vezes, se sumia do combate... Acreditava ser a maior virtude o destemor, e que os “macacos” mereciam morrer, porque ruins e traiçoeiros. Se acaso lhe indagassem por que ruins e traiçoeiros, diria, simplesmente, porque são assim de verdade, e... acabou! Conta-se que os disparos de Volta Seca partiam tão rápidos e, possivelmente, tão certos, que era como se empunhasse fuzil metralhadora...

– Que se poderia esperar de uma personalidade infantil, e sob a influência de exemplos tais?

A alma da criança – já é sabido e cediço – quando não encontra as

coerções da educação inteligente, sofre desvirtuamentos graves, e entregue ao império dos desejos, cai no domínio das paixões desenfreadas e mergulha no abismo dos instintos que desconhecem sentimentos e razão. Muitas vezes pode, ainda, ocorrer recuperação integral. Nem sempre. Há cicatrizes do meio que ficam indelévels.

Os psicólogos registram o que seja uma contenda de garotos, os quais, nessas horas, costumam ir a extremos de provocações e de violências, sempre que lhes faltam os freios de uma boa orientação.

Exclamara Jolly, o velho clássico:

“Quando o adolescente mergulha no crime, não o faz pela metade”?

– Que é que se poderia, então, exigir de Volta Seca?

Um dia, o bando toma conta de Queimadas, na Bahia. O pequeno ex-tratador de cavalos, antigo queimadeiro e moleque de recados, já usava o clássico chapéu rebatido, estrelas bordadas, enfeites vistosos. Um grande punhal bem à mostra e um fuzil do exército brasileiro, com as munições mais novas...

– Quem mais criminoso: – Volta Seca, o menino portador de armas do Brasil, ou o intermediário que, por dinheiro, ou pelo que fosse, as entregava em mãos?!

Queimadas, bem no coração do nordeste baiano, tornara-se bastante conhecida desde quando o escritor insigne a retratou nas páginas d' *Os Sertões*.

Entre os dias funestos de Antônio Conselheiro e a era trágica de Lampião, Queimadas permaneceu mais ou menos a mesma, sem progressos sensíveis, sem impulsos civilizadores, sem notoriedade especial. População escassa. Gente de boa índole, porém subalimentada, na maioria. E não poucos enfermos. O seu ambiente de doçuras não tem alcançado comover o poder público.

A vila, pegada de surpresa, não teve possibilidades de reagir aos cangaceiros, entregando-se de armas e bagagens, sem um disparo, sem um protesto aparente, de todo dominada pelo pavor.

Os poucos soldados do destacamento policial viram-se, de imediato, cercados e presos. Ocorreu, então, nesse dia, 22 de dezembro

de 1929, crime nefando: o assassinio frio, brutal, das sete praças indefesas. Trazidas para fora da cadeia, algumas, até, humildes como ovelhas, no matadouro. Dois ou três “macacos” abatidos a tiro de parabolo; cinco, ou quatro, sangrados a punhal.

Volta Seca teria, nessa época, entre 14 e 15 anos. Coube-lhe “executar” três dos prisioneiros, condenados à morte pelo Capitão.

O adolescente deseducado e violento, ignorando as doçuras e um lar, vivia seduzido pelas brutalidades do cangaço. Não poderia discutir as ordens do Chefe. Sentiu, até, indisfarçável orgulho com a missão, orgulho congênere ao de qualquer componente de um pelotão de fuzilamentos, nas revoluções, ou nas guerras. Mesmo que

se tivesse oferecido para a sinistra missão... Queria parecer “gente grande”, e mostrar de que era capaz o Antonho da Pinta...

Depois desse episódio espantoso, com o seu acompanhamento de galhofas, bebedeiras, roubos e danças que assumiram aspecto macabro, quase não se teve mais notícia de Volta Seca. Pelo menos, de bravatas parecidas.

Dois anos e meses mais tarde, surgiu, de repente, a novidade: preso o jovem e terrível bandoleiro!

Processado, respondeu, sozinho, pelos delitos de Queimadas sobre ele, sozinho sempre, caiu o peso integral da condenação, merecendo sete vezes 17 anos de prisão, ou sejam cento e dezenove, além de umas quebras pelos roubos, nos quais, entretanto, não to-

mou parte direta, nem sequer acompanhou os assaltantes na ocasião, em nada influenciando, para a sua execução.

Os trâmites processuais andaram mal orientados. Percebe-se a preocupação de um “castigo exemplar”, vingança do meio, ainda sob a emoção do grande impacto de Queimadas. O menino pagaria por todos, de vez que era impossível atingir os adultos e os maiores.

Houve tentativas de considerar o rapazinho maior de 21 anos. Mas foi impossível destruir a prova radiográfica da idade, que no Instituto Nina Rodrigues realizamos.

Difícilimo encontrar um defensor para Volta Seca. Depois de muito custo, o Juiz chegou a nomear curador para o menor, e este

curador aparece nos autos para declarar-se inimigo do preso, pois também fora vítima da extorsão dos bandidos, e não se sentia com a força e a coragem de Jesus (palavras textuais, constantes dos autos) para perdoar, e, menos ainda, para defender o criminoso...

Afinal, aceitou alguém a incumbência, para omitir-se, todavia, ao máximo. As únicas palavras do seu pronunciamento foram estas, sem uma vírgula a mais, ou a menos:

“Em nome do meu curatelado sob a sabia jurisdição do julgamento de V. Exa., espero, em nome da lei, Justiça”.

Esse trecho encerra toda a defesa que deram a Volta Seca. E o jovem sertanejo, quase menino ainda, e que se achava nas mãos vingadoras da sociedade, fora o

participante ou executor, aos 14 anos apenas, das ordens de um Chefe cruel.

– Quem possuiria coragem, ou serenidade bastante, em Queimadas, para lembrar atenuantes ou dirimentes, e qual seria o louco, ou o destemido, capaz de apontar a irresponsabilidade penal do pequeno cangaceiro?

Não há que censurar comportamento semelhante. As lembranças permaneciam acesas. As emoções ressurgiam a cada passo. O espetáculo dos homicídios não se dissipara. Mas a verdade é que, mesmo longe do ambiente, inúmeras pessoas, forradas de erudição, mais ou menos real, apreciavam o fenômeno sob um prisma tão primitivo, quase, quanto o dos bandoleiros.

A Justiça tinha, assim que ser implacável, na crença ingênua de que intimidaria o grupo. Cento e muito anos de prisão corresponderiam a condenar Volta Seca à morte, no cárcere. Diziam que ele era tenebroso “lombrosiano”, como se a expressão tivesse um significado definido. Ou um ser humano sem entranhas, incorrigível. Tarado. Monstro predestinado aos crimes infames. O poder público teve, porém, um mérito: Alcançou preservar a vida do rapa-zinho. O que não terá sido fácil.

“É preciso fazer com ele, o que ele fez com os soldados: sangrar no pescoço”.

Até na Capital baiana, o linchamento andou por um triz.

De acordo com a organização judiciária do Estado, o julgamen-

to foi ter às mãos do Juiz de Bonfim. Este prolatou a sentença: 123 anos e 4 meses pelos sete homicídios de Queimadas, inclusive 4 anos e meses pelos roubos, ali, praticados. Seguindo-se recurso ex-offício, o Superior Tribunal de Justiça do Estado, sem lhe ocorrer a audiência da Curadoria, confirmou a pena de um século e mais aqueles anos e meses de prisão.

A Sociedade não se emancipara do pânico e prosseguia inimiga do pobre moço, que merecia orientações, regime disciplinar humano, instrução de algumas letras, e educação cívica e profissional.

Num período, ainda, de formação da personalidade, numa fase em que o meio é fundamental, jogaram Volta Seca na Penitenciária do Estado, então uma Casa dos

Mortos, congênere à de Dostoi-evski, mal situada, mal dirigida, sob promiscuidade lamentável e que logo envolveu o aturdido rapazola, misturando-o com os sentenciados adultos de todos os matizes, e os malandros corruptos e inadaptáveis de todos os vícios e delitos.

Volta Seca não se perdeu, para sempre, por um desses milagres do destino.

Porém andou, no princípio, aos tropeços, sob as grades, sem saber empregar o tempo, nem escolher as amizades.

De começo, mandaram-no para lastimável mister: fabrico de flores de miolo de pão! Ora, sendo o ambiente prisional favorável a deformações do caráter, com os desvios da libido, o fato de escalarem

o rapaz para essa habilidade, era deixá-lo exposto aos motejos dos demais, afora os prejuízos resultantes da falta de um trabalho de caráter viril.

O Conselho Penitenciário interferiu para que se não prolongasse a equívoca situação.

Outro elemento negativo da educação de Volta Seca foi o professor de Moral da Penitenciária, na época, tão descuidado no cumprimento das obrigações. Consistia sua assistência aos presos numas raras e talvez confusas pregações de Catecismo, sem maior inteligência dos assuntos explanados, e nunca teve qualquer aproximação com o 1119, entregue a si mesmo, sem mão amiga que procurasse levantá-lo.

Em 20 anos de prisão, apenas duas “faltas” e duas fugas estão anotadas.

Jogo de cartas, uma vez...

– Como iria empregar as horas de monotonia o desolado rapaz?

A outra, registra o prontuário, ocorreu há mais de cinco anos: desatenção ao guarda, na hora das visitas.

– Ou o guarda pretendeu “mostrar-se”, repreendendo, de público, o famoso cangaceiro, numa exibição de “importância” e de “coragem”?

Isolado, abandonado, e sob tantas agonias, não está certo considerar ambas essas faltas, indicativas de perigosidade.

– E as duas fugas sucessivas?...

Penitenciariastas cheios de preciosismos, consideram-nas faltas

imperdoáveis, as piores talvez.

Não me parece, entretanto, que tenham razões.

A Psicologia carcerária não pode enquadrar, entre as síndromes temíveis, este gosto muito natural, este sonho de liberdade bem compreensivo. Nem foram, ademais, fugidas rocambolescas e à mão armada. Talvez traduzissem reação humana a clamorosa desigualdade, pois, enquanto o adolescente de 1929 continuava sob custódia, os cangaceiros adultos já haviam sido postos em liberdade...

No transcurso desses intermináveis tempos de prisão de Volta Seca, o banditismo sertanejo havia prosseguido nas suas tropelias terríveis. Mas combatido sempre, acabara vencido em Angicos. Presos e processados, múltiplos

bandoleiros vieram para essa mesma Penitenciária. Estudadas as suas personalidades, considerados homens readaptados socialmente, foram livres, um lustro depois, pelo indulto.

Mas Volta Seca perdurava esquecido da Justiça, lembrado, apenas, pelos repórteres que devassavam e publicavam as intimidades e as palavras ingênuas, ou imaginosas, de um falador sem malícias, não sabendo como, nem quando, veria terminada a sua angustiante prisão.

Um dia, mandaram-no à Cidade para “um passeio de caráter experimental”, informou o Diretor. Foi, e não voltou, desaparecera... E, de outra vez, na companhia de um sentenciado amigo, esgueirou-

se, pelo portão principal, sem ser percebido, e partiu...

Não fez quaisquer desatinos em ambas as oportunidades. Na primeira, nem sequer tentou sair da Capital, permanecendo nas ruas, sem orientação predeterminada. Esta escapula deve-lhe de ter surgido ao espírito de momento. Não havia planejamento, nem cogitara para onde ir, ou o que fazer.

Arguiram-no de abuso de confiança, pois fugara enquanto fruía especial favor.

Em parte, isso é verdade, sendo mister, entretanto, considerar seu estado de espírito, vendo os demais bandoleiros já livres, e ele encurralado, sem esperanças, há quase 20 anos.

A segunda, sim, fora uma evasão premeditada. Burlando todas

as vigilâncias, ganhou o mundo, viajando, a pé, dias e dias, pelos matos. O companheiro passando a enfraquecer, faltando-lhe energias para as caminhadas sem destino, adoeceu gravemente, lá longe, bem longe, nos agrestes despovoados...

Volta Seca poderia embrenhar-se nas caatingas, tão suas conhecidas, e em cujas orlas se achava, mergulhando nos chapadões sem fim. Mas largar sozinho, por ali, o camarada, seria matá-lo, indubitavelmente. A impiedade, a insensibilidade moral, a crueldade não moravam mais no coração do ex-menino cangaceiro e que assaltara Queimadas, sob as ordens de Lampião. O egoísmo, agora, não sobrepujava a solidariedade.

Continuar, sozinho, seria a concretização do grande anelo que

o empolgava nas longas e desesperadas noites da Penitenciária da Bahia. O que tinha para a frente, diante dos olhos, deixara de ser ilusão, ou simples miragem, por desfazer-se a qualquer momento... O que lhe surgia à vista deslumbrada e atônita era o seu sertão querido, onde muitos fazendeiros o receberiam de braços abertos.

O pecado da fuga ofereceu o ensejo para um gesto virtuoso. Não abandonou o amigo enfermo. Abraçou-se ao seu corpo meio desfalecido, e empregando forças extremas, trouxe-o carregado ao primeiro povoado, sabendo que salvaria uma vida, mas isto lhe custaria o retorno aos tormentos de presidiário. Aconteceu isso mesmo.

Escapadas dessa natureza não podem ensombrecer uma vida

carcerária, para que se negue o livramento condicional, e nunca mais se conceda qualquer favor regulamentar, trancando-se, para sempre, no túmulo dos vivos, os restos da mocidade de Volta Seca.

Enquanto o prontuário lhe anota esses quatro fatos negativos, outros, aí, se encontram, de iniludível positividade, através do pronunciamento do Diretor da Casa, dos serviços médico-psicológicos, dos mestres de oficinas, da chefia dos guardas; boa conduta, bons propósitos de trabalho e correção.

Salvou-se, em suma, o 1119, às custas do próprio esforço, readaptando-se socialmente.

Os demais cangaceiros, os adultos, e que vieram depois de Angicos, foram mais felizes, ou menos desgraçados, porque o

ambiente penitenciário já então melhorara.

Pode Volta Seca tornar à vida livre sem oferecer ameaças à coletividade. Está em condições de constituir família, e que tanto deseja, e de prover à subsistência própria e dos seus às custas do trabalho produtivo. Mas o emérito juiz das Execuções Criminais não pensa desse modo, e houve por bem negar-lhe o Livramento Condicional, sob a alegação de não ser a sua existência carcerária isenta de faltas. Não analisou o provector julgador o problema da seriedade maior ou menor dos malfeitos do rapaz, na prisão; e, menos ainda, aludiu aos últimos anos de comportamento correto, com as múltiplas notas abonadoras. O Mi-

nistério Público foi humano e sábio, opinando pela concessão.

E como se não bastassem as falhas razões de que se valeu, o ilustre juiz considerou haver reincidência, sem analisar as circunstâncias do banditismo sertanejo (continuidade criminal), mas, sobretudo, os aspectos legais da verdadeira reincidência, tanto mais que Volta Seca fora processado, somente, pelo morticínio de Queimadas. Dentro desse equívoco, interpretou não estivesse satisfeito o fator tempo.

Assim tolhido no anseio respeitável de liberdade, e inconformado com a sentença denegadora, bateu às portas do egrégio Superior Tribunal, em busca de uma reforma do julgado...

O parecer aprecia, em seguida, os trâmites do caso na Corte de Justiça, e como um insigne jurista de espírito liberal, pôde ser envolvido pelas emoções do meio, decidindo contra a verdade biossociológica, para ater-se aos excessos do judicialismo.

E o coitado do Volta Seca teve de retornar, acorrentado aos preconceitos de uma decisão desumana, aos velhos e sombrios pavilhões da Penitenciária...

Fomos, então, ao Chefe do Poder Executivo, intentando salvar a vida do 1119, através do indulto total da pena, depois dos 20 anos que padeceu encarcerado. A sociedade somente queria enxergar o sangrador dos soldados de Queimadas. Não entendia que os maus podem tornar-se bons!

Arrematamos, com estas palavras, nosso pronunciamento, na derradeira instância:

“A batalha no Judiciário foi perdida por Antônio dos Santos, o Volta Seca de tão malsinada memória. Assumo, agora, perante o Sr. Presidente da República e o país inteiro, as responsabilidades todas pelo comportamento do desgraçado rapaz, na vida livre!”

Fomos atendidos! E alguns lustros são passados. Continuamos tranqüilos. A figura sinistra do cangaceiro-menino está, de todo, transmutada no pai feliz de tantos filhos... O marechal Dutra terá visto que praticou um dos grandes atos de seu nobre governo.

As publicações da E-Book.Br
comportam tiragens impressas pelas
Edições Rio do Engenho
Contato: cidseixas@yahoo.com.br
Rua Dr. Alberto Pondé, 147/103
40 296-250 | Salvador, Bahia



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

https://issuu.com/e-book.br/volta_seca
www.e-book.uefs.br
www.linguagens.ufba.br

A batalha no Judiciário foi perdida por Antônio dos Santos, o Volta Seca de tão malsinada memória. Assumo, agora, perante o Sr. Presidente da República e o país inteiro, as responsabilidades todas pelo comportamento do desgraçado rapaz, na vida livre!

Fomos atendidos! E alguns lustros são passados. Continuamos tranquilos. A figura sinistra do cangaceiro-menino está, de todo, transmutada no pai feliz de tantos filhos.

VOLTA SECA e o Estranho Mundo dos Cangaceiros

Lampião repousava no ponto das Caatingas de Mirandela, quando um de seus cabras lhe anunciou que um menino chegara das bandas do Saco Torto de Sergipe, insistindo para ver o Chefe.

Estácio de Lima

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL